



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

MARIA ILMA MENDES PEDROZA

**A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA E SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: UM
MERGULHO NO OCEANO MIDIÁTICO**

SOUSA – PB.

2014

MARIA ILMA MENDES PEDROZA

**A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA E SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: UM
MERGULHO NO OCEANO MUDIÁTICO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Profª Elisabete Borges Agra

Área de pesquisa: Tecnologias Educacionais: Mídias e práticas docentes

Sousa – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P372 Pedroza, Maria Ilma Mendes
A Educação contemporânea e suas práticas pedagógicas
[manuscrito] : um mergulho no oceano midiático / Maria Ilma
Mendes Pedroza. - 2014.
40 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.
"Orientação: Prof^ª. Elisabete Borges Agra, Departamento de
PROEAD".

1. Novas Tecnologias na Educação. 2. Cibercultura. 3.
Prática Pedagógica. I. Título.

21. ed. CDD 371.33

MARIA ILMA MENDES PEDROZA

A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA E SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS:
UM MERGULHO NO OCEANO MIDIÁTICO.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em, 14, 06, 2014.

Banca Examinadora:

Elisabete Borges Agra

Profª Elisabete Borges Agra

Orientadora

Ada Keesa Guedes Bezerra

Profª Ada Keesa Guedes

Examinadora

Reimond Soriano Silva Pereira

Profª

Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico, a Idenaldo, meu companheiro de tantas horas, e a Thaíse, Iury e Thâmara , meus filhos amados.

AGRADECIMENTOS

- Agradeço, a Deus que tem me guiado o tempo todo, dando-me força, perseverança e sabedoria.
- Ao meu companheiro Idenaldo e filhos Thaíse, Iury e Thâmara que me apoiaram e estiveram sempre ao meu lado.
- Aos meus pais que sempre me apoiaram e me conduziram para o caminho do bem.
- A professora orientadora Elisabete Agra que me conduziu com eficiência para a realização deste trabalho.
- A coordenadora do curso Ana Alice pela dedicação.
- Aos professores que ministraram as aulas no Curso de Especialização, abrindo novos caminhos na minha profissão.
- Aos meus alunos da EEEFM Francisco Augusto Campos que me inspiraram para desenvolver esta temática.
- A Escola Mestre Júlio Sarmiento pelo apoio oferecido para a realização deste curso.
- A todas as pessoas que contribuíram de forma positiva para que tivéssemos êxito nesse curso.

“Quanto mais acesso tecnológico houver aos saberes, mais mediação é preciso para que possa existir transmissão de conhecimentos e formação de cultura, seja ela humanista ou científica”.

Manoel Carrilho

RESUMO

A globalização abriu novos caminhos para a educação, que vive no momento um processo de mudanças evidenciadas pelos avanços tecnológicos. Diante disso, já não se pode pensar em educação apenas como uma transmissão de conhecimentos isolados, e sim como um instrumento com poder de transformação, capaz de contribuir na formação dos educandos, tornando-os sujeitos críticos e participativos, preparados para o exercício da cidadania, além de possibilitar a formação das identidades pessoais e profissionais. As novas tecnologias digitais estão cada vez mais invadindo o cotidiano dos jovens, os quais se encontram imersos no universo da cibercultura. Isso representa um desafio para os docentes que precisam assumir uma nova postura e incorporar os recursos tecnológicos em práticas pedagógicas significativas para os discentes. Além de facilitar na aprendizagem, as tecnologias oferecem condições para a interação, o conhecimento intelectual e a inserção ao novo mundo virtual. Dessa forma, com o novo contexto educacional que surge, o professor precisa explorar as diversas potencialidades oferecidas pelas tecnologias da informação e da comunicação em práticas pedagógicas educativas, buscando encorajar os educandos a compartilharem experiências, opiniões e atitudes para a efetivação do processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Novas tecnologias. Cibercultura. Docentes. Discentes. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

Globalization opened up new paths for education, who lives at the moment a process of changes highlighted by technological advances. Given that no longer can we think of education as only an isolated knowledge transmission, but rather as an instrument with power of transformation, able to contribute to the training of learners, making them critical and participatory subjects, prepared for the exercise of citizenship, besides enabling the formation of personal and professional identities. The new digital technologies are increasingly invading the everyday life of young people, which are immersed in the world of cyberculture, this represents a challenge for teachers who need to adopt a new posture and incorporate technological resources in significant pedagogical practices for the students. Besides facilitating the learning technologies offer conditions for interaction, intellectual knowledge and inserting the new virtual world.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2. A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: NOVOS PAPEIS E NOVAS COMPETÊNCIAS.....	11
2.1 Como a escola pode se preparar para responder aos novos desafios.	11
2.2 O deslocamento da escola na centralidade da transmissão da informação.13	
2.3 O mundo midiaticizado e virtual da comunicação digital e o diálogo pedagógico.	17
3. A AMBIVALÊNCIA DA IDENTIDADE DO JOVEM NO CONTEXTO ESCOLAR ATUAL.....	21
3.1 Identidade cultural identidade discente: Construções transitórias e complementares.....	21
3.2 Identidade discente: Construção para além da escola.....	23
3.3 Os sujeitos jovens e o discurso midiático.....	25
3.4 A nova identidade docente: do reino caótico da informação para o..... universo do conhecimento.	26
3.5 Os processos da identidade docente	29
3.6 Uma identidade pronta versus um saber que se reconstrói	30
3.7 O professor e o desafio de interpretar a sociedade midiática	32
3.8 Por uma prática pedagógica criativa e positiva.....	34
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

1. INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo em que vivemos, educar com as novas tecnologias é fundamental, pois além de propor desafios, cria condições para a construção do conhecimento individual e coletivo. Elas são os suportes que interferem nas relações sociais, na maneira de pensar, sentir e agir das pessoas, como também nas profundas transformações da sociedade. As tecnologias digitais são um importante elemento constitutivo da cultura juvenil contemporânea. Dessa forma, é importante analisar a educação nesse contexto e discutir como as tecnologias digitais podem ser incluídas nas instituições educacionais.

Sabemos que hoje as tecnologias digitais fazem parte do cotidiano da atual geração de crianças e jovens, portanto as instituições de ensino não podem ficar distantes dessa realidade, pois se faz necessário o aprimoramento da prática pedagógica atrelada ao discurso midiático para ser transformada em prática significativa, que possibilite ao docente e ao discente, um melhor desempenho no processo de ensino-aprendizagem.

Na atual “era tecnológica”, uma ferramenta motivadora para a aplicabilidade dos meios tecnológicos na prática docente é a internet, na qual os jovens encontram-se imersos. Como nossa prática se baseia na comunicação, a internet transforma o modo como nos comunicamos. Além de ser uma forma de interação e comunicação, contribui para o aprendizado e oferece condições para que os jovens possam penetrar no labirinto da informação, buscando um conhecimento intelectual.

A diversidade de valores e culturas é muito nítida na sociedade contemporânea, por isso se faz necessário uma reformulação no sistema educacional, elencando de alguns aspectos que darão suporte ao processo de construção do conhecimento na perspectiva de uma visão humanizadora.

Deste modo, o trabalho em questão pretende mostrar a importância e a necessidade da inserção dos recursos tecnológicos e midiáticos na prática educativa, bem como a compreensão e o reconhecimento do papel do professor como mediador na construção dos conhecimentos e dos saberes. Este, através das novas tecnologias, poderá proporcionar aos discentes uma educação inovadora,

baseada na qualificação de um ensino voltado para as culturas juvenis e contribuindo de forma positiva na formação da identidade pessoal e profissional dos sujeitos, como também, preparando-os para o exercício de sua cidadania.

Constitui ainda objetivo desse trabalho, analisar a influência da tecnologia digital na sociabilização do saber e na interatividade, onde educadores e educandos possam interagir, trocar ideias e participar do processo de evolução da sociedade, ou seja, possam construir juntos, uma sociedade de valores. Isso requer uma reflexão, um novo olhar sobre a prática pedagógica implementada pelos docentes, que têm como funções reparar, qualificar e equalizar o ensino.

O trabalho ressalta ainda, que a tecnologia digital é propulsora de modificações importantes no comportamento, aprendizagem e forma de produção dos conhecimentos das atuais gerações. Diante desse contexto é necessário que o professor contribua para a incorporação dos recursos tecnológicos na sua prática docente, favorecendo uma conexão com os nativos digitais, ou seja, com essa geração nascida na era da internet, proporcionando a formação da identidade juvenil.

O trabalho monográfico está organizado em dois capítulos, estes estão distribuídos em tópicos. O primeiro capítulo versa sobre o papel e a competência da educação na contemporaneidade, onde foram analisados os desafios e o deslocamento da escola diante do discurso midiático e/ou das tecnologias digitais e a prática pedagógica, ou seja, o papel do professor diante da relação dos jovens com as culturas digitais na atual era tecnológica.

Os tópicos desenvolvidos no segundo capítulo fazem referência à construção das identidades docentes e discentes, partindo do contexto midiático, e, baseada na prática educativa de maneira positiva, dinâmica e criativa, para a construção de uma sociedade de valores.

Enfim, espera-se uma ação efetiva na implementação desse novo paradigma na educação, buscando dinamizar e efetivar o processo ensino-aprendizagem.

2. A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: NOVOS PAPÉIS E NOVAS COMPETÊNCIAS

2.1 Como a escola pode se preparar para responder aos novos desafios

Hoje é de fundamental importância a incorporação dos recursos tecnológicos na escola, e na prática pedagógica, pois diante das tantas mudanças e transformações da sociedade pós-moderna em que vivemos mergulhados as instituições de ensino precisam largar um pouco o método tradicional o qual estão inseridas e partir em busca de novas perspectivas, de novos contextos voltados para uma cultura inovadora, onde a interação social, as informações e as comunicações tornem-se importantes instrumentos para uma aprendizagem significativa.

Segundo, Tânia M. Esperon (2012), As tecnologias são, meios de interação entre as pessoas, que vão além do seu uso como ferramenta, pois propiciam interação e comunicação entre os sujeitos, valendo-se para tal, das linguagens e aplicativos nelas presentes.

Pensando assim, é necessário investir nesse novo paradigma educacional, buscando inovar as práticas pedagógicas e os procedimentos metodológicos para a contribuição na produção do conhecimento.

Pensar o computador na escola não significa pensar só na ferramenta, mas nos processos e práticas pedagógicas que ele pode proporcionar com a mediação dos professores. Quando articuladas dos conhecimentos escolares, as tecnologias propiciam práticas pedagógicas interessantes e motivadoras. (Tânia, 2012, p. 186).

Ao criar um ambiente de aprendizagem, o professor precisa estar em sintonia com as novas mudanças na vida cotidiana dos discentes, isso representa um desafio aos educadores, que, ao lidar com os nativos digitais, necessita interagir com os mesmos, buscando uma aprendizagem sociointerativa.

Com o adequado emprego da tecnologia, o professor deverá ser o elemento fundamental nessa mudança de mentalidade e atitude, inclusive com uma nova

visão a respeito do erro não mais como punição, mas como oportunidade para aprender a desenvolver a autonomia e a flexibilidade de um sistema rígido, centralizador e controlador (VALENTE, 1997, p. 21). O educador exercerá um trabalho mais intelectual, mais criativo, mais colaborativo e participativo e estará preparado para interagir e dialogar - junto com seus alunos – com outras realidades fora do mundo da escola. É esta rede de informações e conexões que torna o ensino não linear e colabora para a organização da inteligência coletiva distribuída no espaço e no tempo (Lévy -1999).

A sociedade moderna juntamente com a irreversível tecnologia está afetando a maneira de ensinar e de aprender, contudo a escola, especialmente o professor deve se preparar para esse desafio, se colocando como mediador no processo de construção do conhecimento e dos saberes, no fortalecimento da subjetividade dos alunos e na formação da identidade pessoal.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais se entendermos a escola como um local de construção do conhecimento e de sociabilização do saber; como um ambiente de discussão, troca de experiências e de elaboração de uma nova sociedade, é fundamental que a utilização dos recursos tecnológicos seja amplamente discutida e elaborada conjuntamente com a comunidade escolar, ou seja, que não fique restrita as decisões e recomendações de outros. Tanto no Brasil como em outros países, a maioria das experiências com o uso de tecnologias informacionais na escola estão apoiadas em uma concepção tradicional de ensino aprendizagem. Esse fato deve alertar para a importância da reflexão sobre qual é a educação que queremos oferecer aos nossos alunos, para que a incorporação da tecnologia não seja apenas o “antigo” travestido de “moderno”. (PCN. p. 140 e 141).

É fundamental que o professor tenha conhecimento sobre as possibilidades do recurso tecnológico, para poder utiliza-lo como instrumento para a aprendizagem. Caso contrário, não é possível saber como o recurso pode auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, no entanto, isso não significa que o professor deva se tornar um especialista, mas que é necessário as potencialidades da ferramenta e saber utilizá-las para aperfeiçoar a prática na sala de aula (PCN – p. 154).

Atualmente, sabemos que a tecnologia como meio de comunicação, interação e aproximação das pessoas dar-se-á através da internet, a qual deve ser usada

como mecanismo de busca de informações e instrumento de sociabilização. Para Castells, o uso da internet aumenta a sociabilidade tanto a distância quanto na comunidade local, e o uso do e-mail contribui para a interação “face a face, por telefone e por carta, e não substitui outras formas de interação social”. A internet tem um efeito positivo sobre a interação social e tende a aumentar a exposição a outras fontes de informação, pois possibilita o conhecimento de eventos, filmes, livros, etc. (Castells, 2003, p. 102 APUD Tânia Maria).

Portanto, é necessária uma reflexão e uma avaliação criteriosa de toda comunidade escolar, a respeito da inserção das tecnologias na escola a fim de que possa contribuir de fato para a formação dos jovens e adolescentes, preparando-os de forma significativa para a realidade do mundo contemporâneo em que vivem.

2.2 O deslocamento da escola na centralidade da transmissão da informação

O sistema educacional vive um processo de intensas transformações nos últimos tempos devido os avanços tecnológicos e o acesso à informação, os quais popularizaram e conseqüentemente modificaram o processo educativo.

A reflexão envolve o debate sobre as contradições e distinções sobre a teoria da prática e o próprio desempenho do professor em sala de aula. Um debate inquietante que toma como objeto a formação de professores e a prática pedagógica como categoria estrutural da docência. Sabemos que o emprego dessa categoria dificilmente adota um referencial epistemológico rigoroso, que comprove, cientificamente, a utilização dessa atividade docente. Isto porque a prática é simplesmente utilizada para obedecer a critérios mecanicistas deixando transparecer que não há necessidade de nenhum referencial teórico.

Nesse sentido, o trabalho pedagógico fica reduzido à prática pedagógica como qualquer outra prática social. O trabalho do professor se torna um ato mecânico e o resultado dessa prática é formar cidadãos passivos, complacentes e acríticos. De acordo com Agra,

No momento em que admitimos o trabalho pedagógico como uma práxis humana, nos conscientizamos do fracasso da educação brasileira. Evidentemente, se entendermos essa práxis, de acordo com Marx (1984) “como um conjunto de ações pedagógicas, materiais e espirituais, que o homem, enquanto indivíduo e humanidade, desenvolve para transformar a natureza, a sociedade, os outros homens e a si próprio, com a finalidade de produzir as condições necessárias à sua existência”, tomamos consciência de que o trabalho da prática pedagógica difundida pela escola é reduzida a atividades meramente burocráticas que podem ser executadas por qualquer pessoa, desde que seja treinada para tal (Agra, 2011).

O professor se posiciona como único detentor do saber e ignora o conhecimento do aluno de tal forma que anula tudo que ele aprendeu antes e fora do muro escolar. Segundo Cagliari (1997) na dicotomia entre método de ensino e processo de aprendizagem, a escola muitas vezes se coloca como se o aluno não tivesse já instalado um processo e um repertório de conhecimentos.

Em suas propostas educativas, coloca o aluno no grau zero e o professor no grau dez. Entretanto, assim como não se para de aprender a ler num determinado momento (grau dez), também não há possibilidade de se reconhecer um momento em que se começa do nada (grau zero), mais ainda tratando-se de adultos com uma inserção social participativa. Desta forma, o conhecimento que o aluno traz de sua experiência de vida, quando não recusado, é, no mínimo, desvalorizado.

Dessa maneira, na abordagem tradicional, a educação é centrada no professor, este é o único agente ativo na sala de aula, ele quem detém o conhecimento e transmite para os alunos de forma elementar, sem muitas reflexões acerca dos conteúdos. O aluno por sua vez, recebe todas as informações passivamente, sem muitas indagações e questionamentos. Com a evolução tecnológica abre-se novos horizontes para a educação e para o ensino, este necessita de uma reformulação voltada para uma adaptação aos novos métodos, buscando novas oportunidades de aprendizagem para os adolescentes e jovens, que são os nativos digitais, porque:

A educação, assim como as demais organizações, sofre uma forte pressão por mudanças. Hoje, as formas de ensinar precisam de ser actualizadas. O ambiente cultural tornou-se muito diferente do ambiente escolar: os alunos

desmotivam-se e aprendem pouco. Os professores reconhecem que os alunos já não são os mesmos e que está em gestação um novo processo de aquisição de conhecimentos, ainda desconhecido por eles e pela escola. No entanto, apesar dos desafios que trazem à instituição escolar, a integração das Tecnologias de Informação e Comunicação no cotidiano da escola, de modo criativo, crítico e competente, é essencial para a formação dos jovens (ANDRADE, p. 13. 2004).

Segundo Prensky (2001), os alunos de hoje não são mais as pessoas para as quais o nosso sistema educacional foi projetado para ensinar; alguns processos supõem que os alunos são os mesmos de sempre, e que os mesmos métodos que funcionaram para os professores quando estes eram alunos irão funcionar para os seus alunos hoje. Muitos professores mantêm o mesmo método de ensino durante toda a carreira, e sustentam-se em discursos antiquados e inadequados ao contexto dos alunos de hoje. De acordo com Taylor (2005), muitos educadores ainda aspiram tais modelos, sendo o professor o único detentor do conhecimento e único identificador do que é (ou não) importante, determinando os conteúdos, os procedimentos, a natureza de suas aulas, geralmente com poucas, ou nenhuma, contribuição exterior. Isso significa afirmar que:

A prática pedagógica deve articular teoria de compreensão e interpretação da realidade com uma prática específica. Essa especificidade pode ser, por exemplo, de qualquer disciplina. Isto significa dizer que, a metodologia de ensino do professor durante suas aulas, o seu relacionamento com os alunos, a bibliografia utilizada por este docente, suas avaliações, as técnicas de trabalhos em grupo, os questionamentos provocados em sala de aula, a importância que dá a sua disciplina o relacionamento que este profissional faz entre sua prática, escola, sociedade e avanços tecnológicos, constata sua compreensão e interpretação da relação do homem com a sociedade e a natureza, historicamente determinada, constituindo-se esta articulação ao seu método de ensino (Op. cit. Agra, p. 14. 2011)

Na sociedade pós-moderna essa contribuição, ou seja, essa mudança é extremamente necessária e cabe ao professor está em sintonia com a contemporaneidade, utilizando as novas tecnologias para a efetivação de um ensino mais eficiente e de qualidade, levando o aluno a questionar, pesquisar e interpretar, pois hoje é necessário ensinar nossos alunos a refletir, raciocinar e compreender a nossa realidade, para que se tornem sujeitos ativos e formadores de opiniões próprias. Esse novo procedimento pedagógico e metodológico é um desafio para o

professor que ao lidar com os nativos digitais, precisa explorar essa habilidade, ou seja, o manejo do computador na sua prática docente, surgindo assim novas possibilidades de aprendizagem para a efetivação do processo ensino aprendizagem.

Por estar sempre em busca de desafios na sua (auto) formação profissional e intelectual, o professor descobre que não precisa temer os desafios e as transformações advindas de uma postura dialética no exercício do seu ofício, pois assim como e na vida real das pessoas, não há receita de sucesso sempre, não há imunidade contra lutas e conflitos; é experimentando e passando por tantos que ele constrói, desconstrói, reconstrói, não apenas uma vez, mas quantas vezes forem necessário, o conhecimento e o amadurecimento do seu papel, como mediador, formador de uma práxis social mais justas e mais solidária com seus alunos, colegas e quem mais tiver ao sua redor. (ALMEIDA, 2005 APUD ALDA).

O professor deve exercer o papel de mediador no processo de interação do ensino - aprendizagem, para isso terá que buscar o conhecimento e se adaptar com a evolução sofrida pela sociedade. Também é importante além da inserção no mundo midiático, uma aproximação maior com o alunado, interagindo, trocando ideias e compartilhando interesses.

Segundo Moran (2007), para sermos bons profissionais hoje, precisamos crescer profissionalmente, sempre atentos as mudanças e abertos à atualizações. Além disso, também é importante participar de atividades e projetos da escola e orientar a prática de acordo com as características e realidade dos alunos e sua comunidade.

Segundo os PCN as novas tecnologias da informação são decisivas no desenvolvimento de qualquer país. Quando não é possível desenvolver tecnologia é necessário importá-la. E isso leva não somente a dependência, como a processos de inclusão ou exclusão no mundo atual. Do ponto de vista social, as pessoas que não têm acesso a esses meios ficam sem condições de plena participação no mundo atual, o que acentua ainda mais as desigualdades já existentes. (PCN. p. 137).

2.3 O mundo midiaticizado e virtual da comunicação digital e o diálogo pedagógico

Estamos vivendo o século XXI, marcado pelas grandes descobertas científicas, pelas transformações tecnológicas, pela importância dos meios de comunicação no cotidiano dos adolescentes e jovens e isso representa uma significativa mudança na vida da sociedade humana e requer uma reflexão e um questionamento sobre a importância da mídia no processo educacional, uma vez que esse fator contribui para a construção dos conhecimentos e da aprendizagem significativa.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, a mídia pode ser uma grande aliada no processo educacional; é importante aproveitar o conhecimento que ela propicia e propor trabalhos de reflexão sobre as programações, incentivando um olhar crítico... A mídia tem se mostrado extremamente eficaz e rápida na percepção e apropriação de elementos culturais inovadores produzidos por certos grupos de jovens, dando a falsa impressão de ser as autoras das inovações. (PCN. p. 120).

A cultura dos sujeitos da juventude é heterogênea nos discursos e nas vivências com diferentes saberes. São linguagens e comportamentos que se alteram nas relações entre os diferentes indivíduos que transitam pelo espaço escolar. Essas culturas juvenis oportunizam aos pedagogos e pesquisadores da educação questionar as relações entre os jovens e as mídias e quais suas relações com o espaço escolar. (LIBANEO, 2006 APUD TERUYA, et al).

Para o autor, a comunidade jovem está cada vez mais entrosada com os recursos midiáticos. Esses sujeitos são heterogêneos e acompanham as constantes transformações sociais, culturais, políticas e econômicas e são eles os protagonistas do espaço escolar contemporâneo. A escola se encontra desafiada a proporcionar condições de ensino – aprendizagem condizentes com essa realidade juvenil.

Segundo Libâneo (2006), a escola é um espaço que pode ser compreendido como um espaço para os diferentes discursos que se interagem e se relacionam. É um espaço com potencial para produzir outras possibilidades de práticas e desenvolvimento das subjetividades dos indivíduos. Com base nos discursos, essas

culturas encontram possibilidades de criar diferentes práticas cotidianas e diferentes condutas nos contextos que relacionam as culturas e seus discursos, reverberados e regularizados no espaço escolar.

Os sujeitos da juventude que se relacionam no espaço escolar, são indivíduos que têm interesses específicos, mas compartilham os discursos perpassados pelas mídias e que possuem relações de pertencimentos a diferentes grupos culturais, sociais, políticos. (Libâneo. (2006).

Dessa forma, o discurso da mídia está presente no cotidiano das gerações de jovens e adolescentes que utilizam o espaço escolar e a escola não pode ficar distante desta realidade. É necessário estabelecer uma relação entre a cultura juvenil e o discurso midiático tentando desenvolver de forma positiva espaço de valores e de possibilidades contribuindo para a formação identitária de cada um dos sujeitos, um espaço onde as relações de subjetividade e objetividades estejam presentes.

A escola é um espaço de mediação de discursos, onde os significados e as práticas culturais da sociedade se articulam ou se conflitam nos processos de interações entre as diferentes subjetividades para a formação das relações sociais, políticas, culturais e discursivas entre os indivíduos. É no espaço escolar que ocorre o “intercruzamento de culturas, a cultura científica, a cultura escolar, a cultura social, a cultura dos alunos, a cultura das mídias. Importa assim, saber como a cultura jovem aparece no conjunto de outras manifestações culturais na escola”. (Libâneo, 2006, p. 34 e 35).

Carrano (2005) defende que o espaço e o tempo vivenciados no espaço escolar estão repletos de encontros entre os sujeitos culturais que garantem a existência deste território.

Diante do exposto, o autor chama a atenção dos docentes para repensar a sua prática, como também a sua função social, política e cultural. Pois é tarefa dos educadores possibilitar as relações entre os sujeitos, a escola e os discursos midiáticos, buscando problematizar e investigar de que maneira os discursos, as práticas e as culturas juvenis estão adentrando no espaço escolar e de que forma essas culturas estão integradas aos discursos metodológicos e aos currículos

escolares interagindo entre si. Libâneo (2006) destaca que o educador encontrará no espaço escolar alunos inseridos nas culturas juvenis e com interesses específicos, mas compartilham de usos e recepções das mídias, negociando com elas ou não

O papel do professor é orientar, formular objetivos, fornecer ideias viáveis e que estes profissionais não devem forjar estereótipos recriminadores da juventude e nem petrificar as atividades juvenis, consciente de que há mudanças nas vivências e experiências dos grupos que adentram ou se afastam do espaço escolar. (Libâneo, 2006).

A educação escolar para Libâneo (2006, p. 37), pode ser compreendida como “uma oportunidade de compreender o mundo, a realidade e transformá-la“. Diante disso, a escola tem como objetivo desenvolver a capacidade de raciocínio, levando o aluno a pensar a realidade e intervindo nela de forma ativa e participativa, contribuindo assim para a formação da cidadania e da convivência humana.

Assim, para Libâneo (2006), “a escola como um espaço de formação de contatos e de experiências com os diferentes discursos subjetivos e das culturas que se relacionam socialmente é uma possibilidade de construir a escola enquanto um espaço de síntese” (LIBÂNEO. 2006.p.44).

De acordo com os PCN, a escola faz parte do mundo e para cumprir sua função de contribuir para a formação de indivíduos que possam exercer plenamente sua cidadania, participando dos processos de transformação e construção da realidade, deve estar aberta e incorporar novos hábitos, comportamentos, percepções e demandas. A escola tem importante papel a cumprir na sociedade, ensinando os alunos a se relacionar de maneira seletiva e crítica com o universo de informações a que têm acesso no seu cotidiano. (PCN – 2001, p. 138 e 139).

Sendo assim, é função do professor orientar, intervir ou fornecer ideias que auxiliem na produção dos conhecimentos. Ele é o protagonista nesse processo, contribuindo de forma criativa e positiva com as transformações da sociedade. Para isso é necessário uma coesão entre a prática pedagógica e a realidade vivida pela sociedade, ou seja, deve haver uma reciprocidade entre o que se ensina e o que se aprende, visando uma melhor qualidade do ensino aprendizagem.

Enfim, o educador tem o poder de melhorar a qualidade do ensino. Buscar novas fronteiras, novas possibilidades e novas soluções são atitudes do processo pedagógico que podem transformar a sociedade.

3. A AMBIVALÊNCIA DA IDENTIDADE DO JOVEM NO CONTEXTO ESCOLAR ATUAL

3.1 Identidade cultural identidade discente: Construções transitórias e complementares

Na sociedade contemporânea em que vivemos, a educação deve ser vista como propulsora ou mesmo como condição essencial para o desenvolvimento pessoal e social, como também uma contribuição fundamental na formação de identidades. Com o advento da modernidade e conseqüentemente das TICs, educar passou a ser uma tarefa de grande relevância e de muita responsabilidade para a construção da autonomia pessoal dos jovens. A escola, por sua vez, deve estar aberta ao diálogo com as novas gerações, buscando o entendimento e a construção da identidade seja ela individual ou coletiva.

Segundo Xavier (2011), basta verificarmos os discursos sempre recorrentes que a sociedade apresenta chamando a Educação como propulsora ou mesmo responsável pelo desenvolvimento pessoal e social, para muitos, o país não é suficientemente desenvolvido porque não tem uma educação de base que permite e impulse seu destino. Para outros, estudar é a única forma de se ter um lugar na sociedade, particularmente no mercado de trabalho. Há ainda os discursos que comparam a situação de países que se desenvolveram e alcançaram um patamar elevado na sua condição econômica e social após um amplo investimento na educação com aqueles que detêm baixos índices sociais e pequeno investimento na educação.

A educação é tomada como elemento fundamental para a identidade de um povo, sendo capaz de alterar significativamente sua condição. (Xavier, 2011, p 170).

A identidade está relacionada a um conjunto de elementos constituídos pela cultura. Assim, para trabalhar a construção da identidade é necessário buscar a cultura, ou seja, um passado histórico de um povo e a participação deste na formação da sociedade. Contudo é no espaço escolar onde ocorrem os processos de constituição da identidade dos alunos. A escola é um espaço de vivências, nela

os alunos aprendem se são, ou não dignos de respeito e valorização até mesmo pela qualidade do ensino que lhes é oferecido.

O sistema educacional brasileiro precisa considerar esses elementos essenciais na formação das crianças e jovens, pois a escola, enquanto espaço plural e diverso, necessita construir pressuposto teórico que reconheçam e dialoguem com a diversidade cultural presente na sociedade, enriquecendo assim, o cotidiano escolar e formando cidadãos atuantes e conscientes do seu papel social, indivíduo que têm por princípio o respeito às diferenças e compreendam que a humanidade é diversa. (VALDECIR 2005).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, na contemporaneidade, cada vez mais a singularidade de cada indivíduo aparece como, um valor e a construção da identidade se apresenta, então, como um processo que envolve a ação do próprio indivíduo. Cada indivíduo dispõe hoje de uma gama bastante ampla de informações (ainda que de qualidade muito diversas) que apresentam diferentes modos de ser, diferentes modos de viver. Mesmo o ser homem ou mulher, dimensão básica de constituição da identidade, é objeto de diferentes representações, diferentes modelos que se apresentam a cada um. Por meio da intensificação da velocidade das informações, adolescentes e jovens entram em contato e de alguma forma interagem, simultaneamente, com as dimensões locais e globais, que determinam-se mutuamente, mesclando singularidade e universalidade, interferindo diretamente nos processos de identificação dos jovens. (PCN – 2001, p 108).

Aos poucos o ser humano vai construindo sua identidade, a partir das relações que estabelece com o seu grupo social, com sua família, com as experiências vividas. Ele vai organizando sua visão de mundo no processo de transformação e/ou amadurecimento da capacidade de se integrar com os outros, pois é impossível alguém construir a sua identidade isoladamente, ou seja, independente das relações estabelecidas com os outros, isso é fundamental para a constituição da singularidade.

Pensar na identidade do adolescente e do jovem demanda entender quais as esferas da vida que se tornam significativas, bem como compreender o significado de cada uma delas na construção da sua auto - imagem. (PCN – 2001, p 109).

Ainda segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN - 2001, p 109), para que a escola possa ser um espaço privilegiado na construção de referências para os alunos, é preciso que ela compreenda onde e como elas vêm construindo suas identidades para, a partir daí, ampliar seu campo de possibilidades e propor reflexões. A escola não pode perder de vista que particularmente os adolescentes e jovens dos setores populares vêm sendo socializados no interior de uma cultura da violência, marcada por discriminação e estereótipos socialmente construídos, que tende a produzir uma identidade inferiorizada. Essa cultura, está presente nas mais diferentes instâncias, inclusive na escola, e impede o desenvolvimento pleno de cada um.

Dessa maneira é tarefa da escola preparar os adolescentes e jovens, na busca do autoconhecimento e da compreensão da sociedade do grupo social em que estão inseridos, resgatando os valores étnicos e morais para a construção da sua identidade.

3.2 Identidade discente: Construção para além da escola

A escola é parte fundamental no processo de construção de identidades, porém um fato que chama a atenção hoje e que precisa ser repensado é a questão das variedades de opções, ou seja, das inúmeras redes culturais e educativas que estão envolvidas no cotidiano dos jovens estudantes, contribuindo para a elaboração da subjetividade e na formação identitária. Nesse contexto, destacam-se os meios de comunicação, a mídia, a cibercultura, que é uma forma sociocultural que surge da relação entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias. Assim, com este quadro social que se transforma a cada momento, a educação também começa a sofrer mudanças.

Segundo Xavier (2011, p 174), o predomínio das tecnologias da informação e comunicação levou ao advento da cibercultura, sendo esta resultante do ciberespaço, ou seja, do espaço criado pelas redes de comunicação... A cibercultura se apresenta como um fenômeno da contemporaneidade, provocando o surgimento de novas práticas sociais.

Para Lemos (2003, p 12), a cibercultura é “a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as tecnologias de base microeletrônica”.

E, deste modo, a cultura contemporânea, produzindo novas formas de relacionamento social, sem necessariamente eliminar formas já consolidadas na sociedade. Esta ampliação vai potencializar as relações sociais. (XAVIER, 2011).

Nessa relação sociocultural, a internet, como um ambiente virtual de aprendizagem ganha uma grande importância, pois é através dela que acontece diferentes formas de relacionamento social, devido a fluidez e a potencialidade nas relações sociais e nas comunicações online, além de permitir a interação com outros indivíduos e comunidades. Dessa maneira, a constituição da identidade também é fruto desse novo ambiente.

De acordo com autor Xavier (2011, p 192), a internet veio transfigurar absolutamente a cultura e a forma como vivemos em sociedade e com esse novo recurso tecnológico, modificou não apenas a linguagem, mas a maneira como seus usuários se relacionam com o mundo. O livre acesso a todo tipo de informação, gerou uma grande interatividade entre as pessoas, que reformulou os hábitos de toda uma geração subsequente, como por exemplo, o consumo que cresceu assustadoramente devido à facilidade na relação compra e venda.

Segundo Lia Schulz (in: revista Presença Pedagógica V. 20 nº 116 março/abril. 2014, p 80), a internet pode ser compreendida hoje como uma extensão da nova vida. A realidade virtual não seria contrária ao “real” e a concretude das relações face a face. Haveria, assim, mais uma plataforma ou espaço onde a vida também acontece. Como professores, sabemos que as coisas não ocorrem apenas na escola, entre os seus muros e suas paredes riscadas, mas que continuam no mundo lá fora, mesmo que seja online. Essa ideia pode nos parecer assustadora.

Enfim, a escola deve ser aliada da tecnologia e do ambiente virtual para a promoção do desenvolvimento social, cultural e econômico do mundo, buscando uma formação identitária pautado na construção do conhecimento e na socialização dos saberes.

3.3 Os sujeitos jovens e o discurso midiático

Hoje a juventude está cercada de um grande acervo midiático, a televisão e o cinema são exemplos de imagens que estão presentes no cotidiano dos sujeitos jovens, participando de forma positiva ou negativa na vida desses sujeitos. Dessa maneira é necessário que a escola perceba essa relação, jovens x mídia na possibilidade de interagir com as estruturas midiáticas e promover uma formação cultural juvenil.

Os jovens têm suas vivências e experiências representadas nos produtos midiáticos como as músicas, as danças, os vídeos, as propagandas e as revistas que caracterizam suas formas de expressão. As práticas culturais não são homogêneas e se orientam conforme as coletividades juvenis e são capazes de processar as múltiplas influências externas e internas com interesses e negociações. (TERUYA, et al APUD Dayrell, 2007, p 80).

O autor chama a atenção de toda sociedade no sentido de fazer entender a cultura juvenil como uma condição específica de ser de cada um dos sujeitos, perpetuados pelas convivências da mídia, no processo de produção sociocultural. É com base nas subjetividades juvenis que o espaço escolar deve se voltar, possibilitando aos jovens adentrar e conhecer diferentes espaços.

Carrano (2005), chama a atenção dos pesquisadores de mídia na educação para entender que a chamada juventude é uma categoria sociológica desenvolvida pelos aduetos e isso dificulta uma definição. Para o autor, pensar em juventude enquanto modos de ser, pensar e agir no mundo, percebe-se as oportunidades de vivenciar essa juventude, seus gostos, suas atitudes e seus comportamentos.

Sabemos que hoje, os produtos mediáticos estão presentes e têm influência direta no desenvolvimento da juventude. São as ideias, os conceitos, os gostos musicais, a moda, o lazer, enfim todas as formas de relacionamentos sociais estão perpassados na cultura juvenil por meio da mídia.

Libâneo (2006), reforça alguns pontos que caracterizam o funcionamento e a repercussão da mídia: A homogeneização cultural que influencia os gostos os gostos das pessoas nas alimentações, nos desejos de consumo e nas formas de

viver; na indução ao consumo; na fragmentação da realidade dos conhecimentos e das relações; e o empobrecimento da capacidade de compreensão.

Diante desses postos percebe-se que a cultura juvenil é impulsionada pela mídia nos seus discursos e/ou nos contextos sociais, políticos e culturais. Muitas vezes, essas características eliminam algumas particularidades dos indivíduos, como o pensar, o agir e o fazer de cada ser.

Os sujeitos da juventude, portanto, possuem características positiva e negativas que são alcançadas nesse espaço de discurso e estão relacionadas à formação de crianças, adolescentes e jovens. Utilizar a mídia no espaço escolar, como mediadora para produção do conhecimento ou como suporte para apresentação de eventos sociais, políticos, culturais, físicos e mentais são duas das muitas possibilidades para se articular os usos da mídia e seus produtos para o processo de ensino e aprendizagem. (TERUYA, ET AL, 2006, P. 80).

A escola como mediadora de conhecimentos e formadora de opiniões, deve utilizar o espaço mediático e os diversos recursos oferecidos pela mídia como suporte para a efetivação do processo ensino e aprendizagem e para a construção de novos conhecimentos. Na verdade, as imagens midiáticas estão conectadas na vida dos jovens, articulando de maneira positiva ou negativa o ser ou o fazer de cada um dos sujeitos.

3.4 A nova identidade docente: do reino caótico da informação para o universo do conhecimento

O século XXI é marcado por uma série de transformações sociais, culturais, políticas e profissionais que mudaram a sociedade pós-moderna, além de transformar a identidade social dos sujeitos, dando ênfase para o surgimento de uma nova forma de individualismo e de processos identitários. Entre esses sujeitos estão os docentes, que antes eram vistos como indivíduos totalmente imutáveis, centrados e dotado de razão, com a modernidade surge a necessidade de compreensão da dinâmica do processo social e buscar uma nova identidade,

pautada no contexto sócio educacional e na capacidade de interação entre os sujeitos e o meio sociocultural que estão inseridos.

Segundo Esteve (1995), o conjunto de mudanças sociais e educacionais ocorridas nos últimos vinte anos ocasionou impactos profundos na identidade profissional docente, tais como: o aumento de exigências em relação às atividades desenvolvidas pelos professores; a inibição de outros agentes de socialização, como a família; o desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola; a ruptura do consenso social sobre o papel de educação; o aumento das contradições no exercício da docência; as mudanças de expectativas em relação ao sistema educativo; a menos valorização social do professor; as mudanças nos conteúdos escolares; a escassez de recursos materiais e condições de trabalho deficientes; as mudanças nas relações entre professor e aluno e a fragmentação do trabalho do professor.

Diante de todas essas mudanças surgidas no sistema educacional, observa-se a falta de habilidade dos professores para enfrentar tais mudanças o que provoca uma crise de identidade docente, com algumas reações diversas, pois entre os docentes estão alguns que aceitam as mudanças e tentam desenvolver uma prática pedagógica inovadora, embora com muita dificuldade em virtude do despreparo, o que acaba não se efetivando no cotidiano escolar, outros experimentam de intensa ansiedade e perpetuam o problema, o que acaba causando um mal-estar docente. São sentimentos contraditórios em relação as mudanças no sistema educacional.

Com vista a preparar os professores para enfrentar os inevitáveis desajustamentos ocasionados pela aceleração da mudança social, é preciso incorporar novos modelos ao período de formação inicial e articular novas de apoio aos professores já em exercício, com a finalidade de que evitem flutuações e contradições na prática de sala de aula e de que encontrem respostas que não passem pela inibição e pela rotina. Assim, a implantação de estruturas de apoio ao professor em exercício deve propiciar diminuição das diversas situações de ansiedade. (MARIA DE LOURDES, 2008, p. 90).

Em relação, a formação inicial dos professores, Esteve (1996) estabelece dois aspectos de uma importância; a substituição de abordagens normativas (professor ideal) por abordagens descritivas (conjunto de conhecimentos que influenciam as relações entre professores e alunos) e a adequação dos diversos conteúdos da

formação inicial à realidade dos alunos, pois os futuros professores em geral dominam os conteúdos a serem transmitidos, mas não têm ideia de como podem estrutura-los e torna-los acessíveis aos alunos de acordo com os diferentes níveis de ensino.

Assim, a formação inicial contribui para com o futuro professor, pois permite ao mesmo identificar-se como professor, como também identificar-se com os novos métodos de ensino, ou seja, com os estilos de ensino que é capaz de utilizar.

Com a mesma proporção, Nóvoa (1995), denuncia que a formação de professores tem se baseado com dois modelos que se alteram constantemente: um modelo acadêmico, centrado em conhecimentos científicos considerados fundamentais, mas nos quais predominam a separação entre a teoria e a prática, e um método prático, centrado no cotidiano das escolas e na aplicação de metodologias, no qual a prática predomina sobre os aspectos teóricos.

Sabemos que tanto o modelo acadêmico, como o prático são extremamente importante na construção dos saberes, pois não se domina a prática sem o conhecimento da teoria, portanto é necessário que a formação de professores seja baseado em ambos os modelos, acadêmico e prático.

A atividade docente é um processo de construção social, e que apesar das inevitáveis lutas e conflitos, tem-se construído em torno de duas dimensões básicas: a organização de um conjunto de normas e valores orientadores do exercício da atividade docente e a construção de um corpo de conhecimentos e de técnicas específicas da profissão. (NÓVOA, 1995 e 1999).

Com base na realidade social em que vivemos, onde vivenciamos, a todo momento, novos desafios, novas transformações e novos conhecimentos é necessário que os docentes questionem de forma positiva essas perpétuas mutações, procurando construir um esquema de sua identidade profissional, tentando acompanhar essas mudanças na possibilidade de desenvolver um trabalho educativo alicerçado nos conhecimentos, nos valores éticos e na formação moral.

3.5 Os processos da identidade docente

Analisar a identidade docente hoje, implica estabelecer uma relação entre as transformações sociais e a escola, pois a medida em que ocorrem tais transformações os docentes vão aos poucos construindo os saberes e utilizando em sua prática, ou seja, vão construindo paulatinamente a sua identidade profissional, a partir dos processos sociais e coletivos, pois o ser humano é um sujeito inacabado, formado por identidades abertas e indefinidas.

Ao considerar as identidades como processos dinâmicos de produção social, afastamo-nos radicalmente da ideia de identidades estabelecidas e coisificadas, ancoradas numa visão essencialista. Defendemos, outrossim, que a identidade profissional se constrói por meio de sucessivas interações que acontecem entre o sujeito e o meio sociocultural no qual se insere. (MARIA DE LOURDES, 2007, p.89).

Segundo Maria de Lourdes (2008), a participação do sujeito em ambientes coletivos é fundamental na construção das identidades profissionais. Algumas mudanças sociais como a implantação da industrialização e a universalização da educação, provocando o rebaixamento salarial e a descaracterização do status docente, transformaram radicalmente a identidade docente pautada tradicionalmente na imagem de sacerdócio, mudando-a para educadores de ensino e posteriormente para trabalhadores da educação.

Para a autora, essas transformações sociais influenciam nos processos de construção da identidade docente, a qual vai adquirindo outra configuração, baseada nas mudanças impostas pela sociedade e acatadas pelos sujeitos, especialmente os profissionais docentes.

Sainsaulieu (1987), que tem dedicado vários estudos aos processos sociais da construção de identidades profissionais, defende que os contextos em que os sujeitos se movimentam e se relacionam constituem o eixo central dos processos de construção das identidades profissionais.

Com base nesses estudos, Dubar enfoca que:

As identidades sociais e profissionais típicas não são nem as expressões psicológicas de personalidades individuais nem os produtos de estruturas ou de políticas econômicas imposta lá do alto, elas são construções sociais que implicam a interação entre as trajetórias individuais e os sistemas de emprego, de trabalho e de formação. (DUBAR, 1999, p. 264, APUD MARIA DE LOURDES).

De acordo com o autor, as identidades sociais resulta da interação entre os sujeitos nas suas diversas trajetórias e nas relações específicas estabelecidas pelos grupos sociais, contribuindo assim para a formação identitária docente, entre outras.

Por essa razão, Maria de Lourdes (2007) focaliza, é imprescindível que os professores possam afirmar sua identidade aumentando sua capacidade de diálogo com outros participantes da atividade educativa e desenvolvendo na escola uma prática de investigação que possa envolver todos os interessados, já que um dos maiores desafios que se coloca aos professores atualmente é o de sua participação em projetos escolares que envolva simultaneamente docentes, alunos e comunidade.

Sabemos que o processo de sociabilização acontece através do diálogo, este é de fundamental importância na prática educativa, pois instiga os alunos a participarem dos projetos escolares, a se integrarem, com o corpo docente, para que ambos possam construir suas identidades pessoais e profissionais.

3.6 Uma identidade pronta versus um saber que se reconstrói

A identidade de uma pessoa constrói-se e reconstrói-se durante toda sua vida de acordo com suas formas de socialização e com a influência recebida pelo grupo social em que se insere, ou seja, é do contexto histórico social e cultural em que o homem vive que decorrem suas ações, atitudes ou determinações. Pode-se dizer que a identidade é um processo dinâmico que vai sendo construída e reconstruída sucessivamente. Na sociedade pós-moderna em que vivemos, falar de identidade se torna algo muito complexo, devido as constantes transformações ocorridas no cenário sociocultural e político que possibilitam modificar o comportamento dos sujeitos, propiciando assim uma nova formação identitária.

Paulo Carrano afirma que:

Um dos grandes desafios da contemporaneidade passou a ser a construção da unidade social em sociedades marcadas por significativas diferenças e desigualdades pessoais e coletivas. Escutar a si e ao outro se torna, portanto, a condição para o reconhecimento e a comunicação. (Paulo Carrano, 2003).

Como o ser humano é um ser inacabado , portanto ele sofre influencia do meio em que vive e assume identidades diferentes em momentos diferentes.

Hall (2006), acredita que o sujeito pós-moderno é um ser inacabado, composto por identidades abertas e contraditórias, justificada na indefinição de suas fronteiras. Silva (2000) defende que é a diferença que origina a identidade a partir de um processo de diferenciação, pois ao afirmar que “sou”, estou definindo inúmeras possibilidades de “não ser”.

Assim, os jovens de hoje, em sua multiplicidade encontram-se cada vez mais conectados às tecnologias digitais e a cibercultura, esta pode ser uma aliada do trabalho escolar, pois sendo um fenômeno da contemporaneidade provoca o surgimento de novas práticas e de diferentes formas de relacionamento social.

Nesta abordagem de interação surge a cibercultura que segundo Pierre Levy (in revista presença Pedagógica V. 19. Nº 111. mai./jun. 2013), a cibercultura é um fenômeno sociocultural que surge da interação entre sociedade, cultura e as tecnologias digitais da informação. É ainda um “conjunto de técnicas, (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço”.

Sabemos que na contemporaneidade, a cibercultura e o ciberespaço fazem parte do universo da juventude, esta é marcada pelo dinamismo e pela diversidade de valores.

Dayrell afirma que:

[...] a juventude é uma categoria socialmente construída. Ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais distintos, e é marcada pela diversidade nas condições sociais, culturais, de gênero e até mesmo geográficos, dentre outros aspectos. Além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se de acordo com as mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo de história. Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que a experimentam e sentem segundos determinados contexto sociocultural onde se insere (2007, p. 4)

A intensa tecnologia provocou mudanças significativas no cotidiano da juventude e trouxe inúmeros desafios, especialmente para a educação, pois as gerações atuais vivem hiperconectadas, e isso contribui para transformar as relações sociais, abrindo novos caminhos, novas formas de relacionamentos, de interação, que precisam ser refletidas pelas instituições de ensino, as quais têm por objetivo formar cidadãos críticos e participativos.

Sendo assim, é função da escola construir um currículo que possa atuar na formação da juventude e contribuir na reconstrução dos saberes, dos conhecimentos e das formas de serem cidadãos participativos, críticos e aptos a desenvolver suas potencialidades.

3.7 O professor e o desafio de interpretar a sociedade midiática

Na sociedade contemporânea, as mídias digitais fazem parte do cotidiano da juventude e as imagens midiáticas estão contribuindo para com as significações dos sujeitos jovens, com isso a sociedade está se transformando e a escola, especialmente os professores, precisam se adaptarem a essas mudanças, adentrando nesse novo espaço. Vivenciar as experiências e os discursos da mídia são, portanto, desafios para a educação, causando impacto ao professor, este precisa repensar a sua prática e reconstituir a sua identidade de educador.

Fischer ressalta que:

Nas imagens midiáticas existem enredos midiáticos e diálogos midiáticos que contemplam os diferentes sujeitos da juventude que passam por situações diversificadas de possibilidades para que o indivíduo possa se transformar com as “práticas de si” trazidas por Foucault. Essa transformação adquire um sentido de formação, porém vista como uma operação que se dá para além do institucional escola, igreja e família, embora tais espaços não sejam, jamais ignorados, para além de um sistema de autoridade de normativo ou disciplinar (FISCHER, 2008, p. 52)

A mídia representa outro campo de saberes no qual está inserida a cultura dos jovens, seus pensamentos e seus contextos.

Carrano (2005) defende que o espaço e o tempo vivenciados no espaço escolar estão repletos de encontros entre os sujeitos culturais que garantem a existência deste território. O autor chama a atenção dos educadores, para refletirem sobre a sua prática em sua função sociocultural. É tarefa do professor, oportunizar as relações entre os discursos dos sujeitos, os discursos escolares e os midiáticos como, parte fundamental na ação pedagógica.

Segundo Libâneo (2006), o educador encontrará no espaço escolar alunos inseridos nas culturas jovens e com interesses específicos, mas compartilham de uns e recepções das mídias, negociando com elas ou não.

Nesse contexto midiático, em que os jovens estão inseridos, se faz necessário a inclusão dos recursos tecnológicos no planejamento do professor e na sua prática docente na busca efetiva de uma aprendizagem significativa.

Para Cunha, o desafio essencial para o professor é o de criar soluções e sentidos em direção aos quais devem andar as aprendizagens. “Aprender é aprender a criar e o que faz da aprendizagem algo criativo é a pesquisa. A verdadeira aprendizagem é aquela construída com esforço próprio através da elaboração pessoal” (Cunha 1998, p. 88).

Nesse sentido, é imprescindível a inclusão digital na escola, onde professores e alunos possam interagir, evidenciando construir valores e conceitos que definam o ensino aprendizagem.

Porto nos seus conceitos ressalta:

A inclusão digital do professor é entendida, para além do acesso aos recursos tecnológicos. É, sobretudo, a possibilidade de os professores terem condições de participar, questionar e criar, com suas experiências, condições de trabalho que unam alunos, conhecimentos e tecnologia... A inclusão digital de professores e alunos compreende uma forma de uso significativo e crítico das ferramentas (Porto, (2006, 2010).

Embora seja um desafio para alguns professores interpretar a sociedade midiática e se inserir nesse contexto, tentando equilibrar a cultura juvenil aos objetivos propostos pela escola, é necessária uma formação docente e uma reflexão

voltada para uma prática inovadora, ou seja, para a inserção das tecnologias na prática pedagógica, o que constitui hoje uma fonte de aprendizagem.

3.8 Por uma prática pedagógica criativa e positiva

Estamos vivendo a “era tecnológica”, a qual contribuiu para transformar a sociedade, em especial, as instituições educacionais, estas precisam incorporar os novos recursos tecnológicos na prática pedagógica, objetivando preparar os jovens para participar ativamente das transformações da sociedade, haja vista que a educação é um fator social e universal e a prática educativa é fundamental para a transformação da sociedade. Sendo assim, para compreender a estrutura social moderna é preciso uma prática educativa concreta, baseada em um contexto social, político e cultural, como também na sociabilização do saber. É necessário compreender a escola como mediadora na construção dos conhecimentos e das potencialidades, tendo como suporte uma pedagogia que propicie esses saberes.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais ressalta que:

A concepção de ensino e aprendizagem revela-se na prática de sala de aula e na forma como professores e alunos utilizam os recursos tecnológicos disponíveis – livro didático, giz e lousa, televisão ou computador. A presença de aparato tecnológico na sala de aula não garante mudanças de forma ensinar e aprender. A tecnologia deva servir para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção de conhecimentos por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa por parte de alguns professores. (PCN, 2001, p. 140).

É preciso dinamizar a prática pedagógica, pois é através da ação educativa que a sociedade vai formando indivíduos para atuar no meio social.

Para Libâneo (2004), a prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade.

Sabemos que na sociedade pós-moderna os profissionais da educação precisam refletir sobre a realidade da educação e da prática educativa, procurando

desenvolver habilidades na sua prática pedagógica a fim de se tornarem facilitador da aprendizagem.

Moran (2009), afirma que, como professores, ensinaremos melhor se mantivermos uma atitude inquieta, humilde e confiante com a vida, com os outros e conosco, tentando sempre aprender, comunicar e praticar o que percebemos até onde nos for possível em cada momento.

Para realizar um trabalho eficiente é necessário observar cuidadosamente as mudanças na estrutura social e a atual realidade da sociedade moderna, tentando compreendê-la, através da prática educativa. É papel do professor na contemporaneidade discutir sobre a situação social atual.

Os próprios professores estão sentindo as mudanças, mais do que qualquer tempo anterior. Se o trabalho dos professores está mudando, isto é porque o mundo no qual eles trabalham também está mudando; e dramaticamente. Às vezes, descritos em termos pós-modernos, este mundo social mutante e caracterizado por flexibilidade econômica, complexidade tecnológica, diversidade cultural e religiosa. Para os professores, a mudança é então obrigatória. Apenas o progresso é opcional. (HARGREAVES, 1993, p. 95 APUD ALDA, 2012).

No mundo contemporâneo essa diversidade de valores é nítida, porém o professor precisa dar significação a sua prática pedagógica, estimulando o aluno a desenvolver novas possibilidades de aprendizagem, as quais são ilimitadas e podem ocorrer a qualquer momento, tendo o professor como mediador do conhecimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto e considerando que a educação promove o desenvolvimento intelectual do homem é preciso investir e mergulhar nesse espaço, ou seja, aprofundar as relações sociais no âmbito educacional, inserindo as novas tecnologias e/ou os discursos midiáticos na prática educativa, onde educadores e educandos possam, através de uma relação dialética, interagir, trocar ideias e compartilhar interesses, objetivando construir um significado para o processo ensino aprendizagem.

Vivenciamos no mundo contemporâneo, uma geração hiperconectada através das redes sociais, onde se exige dos educadores uma reflexão e uma nova postura alicerçada a projetos inovadores relacionados à incorporação das tecnologias na prática pedagógica, para que o ensino não se torne fragmentado e que possa realmente desfrutar de uma educação de qualidade, pautada na busca dos conhecimentos individual e coletivo.

Para isso, o professor deve procurar explorar as diversas potencialidades pedagógicas oferecidas pelas novas tecnologias digitais, contribuindo para a realização de projetos, atividades de pesquisas e novos contextos que levem os alunos a entender e acompanhar todo o processo de evolução da sociedade e a escola é o melhor lugar para tal entendimento.

Os desafios são muitos, mas é preciso enfrentá-los. Caso contrário, correremos o risco de continuar com um modelo educacional obsoleto e contraditório com os valores da sociedade moderna. Deste modo, entende-se que as novas tecnologias são as ferramentas que contribuem com o processo educativo e conduz os educadores a refletirem sobre as mudanças necessárias ao sistema de ensino, também os levam a exercer o papel de agentes transformadores de sua realidade circundante, uma vez que contribuem para pensar, analisar e buscar o conhecimento na facilitação da aprendizagem dos jovens e na construção identitária de cada indivíduo inserido neste processo.

Assim, é preciso desconstruir e construir modelos curriculares e metodológicos, observando as necessidades de contextualização frente à realidade do educando, para promover a ressignificação do seu cotidiano e da sua realidade. O processo da aprendizagem se dá ao longo da vida, porém cabe a escola, ao cumprir sua função social, favorecer práticas significativas para a construção dos

conhecimentos, saberes e valores da sociedade moderna. Estas se encontram em constantes mudanças, as quais estão acontecendo de forma muito rápida em todos os setores sociais, por isso exigem-se uma nova visão social.

A presença das tecnologias digitais e das redes sociais no processo de ensino e aprendizagem exige um novo profissional para a educação. Com isso a escola ganha uma nova postura, um novo arranjo, aliada a cibercultura e ao ciberespaço. Assim, os professores precisam saber que ser professor, hoje em dia, requer novas competências e qualidades diferentes daquelas de outrora.

Portanto, a educação contemporânea deve contribuir para que os educandos possam construir valores, desenvolvendo suas potencialidades e participando do processo de transformação e evolução da sociedade moderna, como também buscar subsídios para a formação de suas identidades juvenis.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDA, Lúcia Silveira. **Novas Tecnologias, Novos Alunos, Novos Professores? Refletindo Sobre o Papel do Professor na Contemporaneidade.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM LETRAS, 12.2012, Pelotas. In Letras...Pelotas UCPel, 2012. p 5.

ALMEIDA, A. E. **O professor de língua estrangeira e sua busca por uma prática pedagógica criativa e reflexiva.** In: 15º Congres Bresilien des Professeurs de Français. Belo Horizonte, 9 – 13 de outubro, 2005. Disponível em: http://www.fbpf.org.br/cd2/liste_des_auteurs/a/alcineia_emmerick_almeida.pdf. Acesso em 23 de maio de 2014.

BRASIL, Secretaria de Educação **Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental:** introdução aos parâmetros Curriculares Nacionais/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 2001.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Identidades Juvenis e Escola.** In: Construção Coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos. – Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005. p 153 – 163

CARRANO, P.; **Identidades culturais juvenis e escolas: Arenas de Conflitos e Possibilidades.** In: Medeiros. T. J. et al. (org). Coletânea de textos didáticos: Sujeito, Cultura e Contemporaneidade. SEE/PB – UEPP, 2013. p. 109 – 123.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DAYRELL, Juarez. **As escolas fazem as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil.** Educação e Sociedade, v. 28, p. 1105 – 1128, 2007. In: Revista Presença Pedagógica. Mai/jun. 2013 v. 19 / n.111. p. 72 – 77.

DAYRELL, Juarez. **A escola – faz as juventudes? – reflexões em torno da socialização juvenil.** In: Educação e Sociedade, vol. 28, n. 100 – Especial. Campinas, 2007.

ESTEVE, José M. **Mudanças sociais e função docente**. In: NÓVOA, Antonio Profissão professor. Porto: Porto Ed, 1995.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Pequena Miss Sunshine: para além de uma subjetividade exterior**. Pró – posições. Vol. 19, n. 02, mai./ago. 2008, p. 47 – 57.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. JODELET, D (org) Representações sociais. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Cultura Jovem, mídias e escola: o que muda no trabalho dos professores?** In: Educativa, v. 9, n. 1. Goiânia, 2006. p. 25 – 46.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003; p. 11 – 23.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LEVY, P. XAVIER, A. C. et al; **Hipertexto e Cibercultura** – Links com literatura, publicidade, plágio e redes sociais. Ed. Respel LTDA. SP – 2001. p. 169 – 176.

MORAN, J. M. **Educar o educador**. MORAN, J. M. et al. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. 16ª ed. Campinas: Papirus, 2009, p. 12 – 17.

MORAN. J. M. Novos desafios para o educador. In: A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá, Campinas. SP. Papirus, 2007.

NASCIMENTO, Valdecir Pedreira.; **Pressupostos Básicos da Formação de Professores no Projeto Escola Plural: A diversidade está na sala**. In; Medeiros, T. J. et al. (org). Coletânea de textos didáticos: Sujeito, Cultura e Contemporaneidade. SEE/PB – UEPB, 2013. p. 95 – 106.

NÓVOA, Antonio. pobreza **Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à das práticas**. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, FEUSP, vol. 25, n. 1, p. 1 – 21, jan - jun, 1999.

PORTO, Tânia. M. E. As Tecnologias Estão nas Escolas. E agora, o que fazer com elas? In: Rivoltella. F. M. et al. (org). Cultura Digital e Escola: Pesquisa e formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 167 – 192.

SILVA, Tomás Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomás Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, Maria de Lourdes Ramos. **Aspectos sócio – afetivos que interferem na construção da identidade do professor**. In: SILVA, E. R.; UYENO, EL. Y.; APUD, M. J. M. Cognição, afetividade e linguagem. Taubaté, SP, Cabral Edt. Universitária, 2007.

SILVA, Maria de Lourdes Ramos. **Docentes, saberes e práticas escolares**. In: LAUAND, J (Org). Filosofia e Educação: estudos 8. São Paulo: Factash Edt, 2008 a, p. 23 – 34.

TERUYA, T. K.; FELIPE, D. A.; TAKARA, S.; **Sujeitos da juventude, mídia e escola**. In: Neto, F. M. et al. (org). Coletânea de textos didáticos: Mídia, cultura e imaginário urbano. SEE/PB – UEPB, 2013. p. 77 – 83.

VALENTE, José. **O uso inteligente do computador na educação**. Pátio, ano 1, n. 1, p. 19 – 21, Porto Alegre, mai/jul. 1997.